

Aurora do Cávado

Premiada com o Grande Diploma de Honra na Exposição da Imprensa de 1898

Quinzenario literario, bibliografico e politico sem politica

Director, proprietario e editor: **RODRIGO VELLOSO**

Redacção e Administração

Rua Gomes Freire n.º 101-1.º
Lisboa

Composição e Impressão

TYP. MINERVA, de Gaspar Pinto de Sousa & Irmão
Famalicão

3.ª série—N.º 49

Lisboa, 8 de Março de 1912

36.º anno

Aspectos Sociaes

Os verdadeiros amigos da Republica

Passado já muito mais de um ano sobre a proclamação da Republica, quando tanto para crer havia sido como para de-sejar era e é, que esta se houvesse insinuado luminosa e amoravel em todos os espiritos, firmada de vez e para sempre, sem receios de abalos nem contijencias, testemunha-se ela mais revolta e jogada em baldões do que o era em 5 de outubro.

A esta data memoranda as vozes de esperança para o resurjimento tão aneado do nosso paiz, e do mais intenso jubilo por este sujestinado, fariam calar ou perder-se com seus sonoros e dilatados ecos uma ou outra voz de paixão ou de saudade pelo regimen derrocado.

Radiara para grande maioria do país, que repita-se mais uma vez, nunca foi politica no sentido tam mesquinho e restrito que se atribue geralmente a esta palavra, uma como que radiante aurora de um dia prometedor de flores e frutos que em atmosfera varrida dos miasmas deleterios do passado, em ondas fulgurantes de luz e calor revigorantes de seiva, resgatassem o país dos obumbramentos sombrios do preterito, que em tantis-

simo o oprimiam e estrangulavam, e firmamente se contava que a breve trecho se verião iniciados e proseguídos com carinhosa solicitude, tornando-se em factos bem palpaveis, os tantissimos e tam pre-conisaveis e abençoados compromissos para com a patria e seu levantamento tomados pelo partido republicano, durante os muitos anos de sua tam intensa e fervorosa propaganda na opposição.

Infelizmente, como já atraz o registo e tanto e tam dolorosamente resalta aos olhos de todos, contados nêstes os que mais se esforçam por não vêr e atentar nos sucessos ocorrentes, do luminoso edificio que todos fantasiavam, nem sequer os alicerces estão lançados, e em vez de solidamente levantado sobre êstes seguramente firmados, vae-se vendo e tacteando que sua concepção mais não foi do que a de castelo maravilhoso mas alçado no ar.

Bem pouco, pouquissimo, do tanto que havia a fazer e em cuja realisação todos, os isentos de ambições e do torpe egoismo, os verdadeiros amantes do país e seus dedicados servidores, democratas no fundo de seu ser, republicanos istoricos ou adherentes, deviam pôr o mais intenso esforço até ser levado a efeito pecunisado intento, e esse pouco, até, inquinado se mostra de sombras, não por culpa—no principal—dos declarados inimigos da republica, mas dos que assoprados com balofa mas arrojada soberba se apregouam os unicos e jenuinos partidarios implantadores e mantendores desta, lhe tem sido verdadeiros e que extensos es-

calrachos, enredando e entorpecendo com suas daninhas, encruzadas e estiolantes raizes e apego ao solo o assonheramento dêste pelas da arvore da Liberdade, que se tal não fôra, já se deveria erguer, louçã e vigorosa a desafiar ventos e tempestades pelos ares fóra, purificando-os com incessantes e opulentas ondas de oxigenio.

E' que êstes temerosos amigos da Republica, sobrepondo á realização dos verdadeiros ideaes democraticos a vã gloria de mandarem e seu proprio egoismo, a cuja satisfação tudo sacrificam, em vêz de seu zêlo e solicitude pôem, inteiros e superiores a paixões, ao serviço da Republica, chamando a esta, e nela recebendo de braços abertos, todos os que de boa e deliberada, ao mesmo tempo que onrada vontade, em volta do labaro por ela asteado, se queiram agrupar, bem ao arrepio das coisas o maior e o mais titanico esforço põem em o contrario realizarem, dizendo-se tam só a si proprios os unicos, verdadeiros e istoricos republicanos, forcejando por expulsarem do numero dêstes muitos, muitissimos dos que com o mais incontestado direito a como taes serem havido, e isso porque tam só e apenas não comungam com êles em seus desvários, e repelindo a entrada e consagração á Republica de todos aquêles, outros, que a ela pertendiam agregar-se na fórmula exposta.

Sucede, assim, que se pequenissimo o numero em Portugal de declarados republicanos em 5 de outubro, dos ditos istoricos, como bem reconhecido e confessado tem sido por alguns dos mais justamente cotados d'entre êles, êsse numero constituindo uma pequena minoria do país, esta só, e não no seu todo, mas na ainda mais reduzida parte dos que se dizem guardar a letra dos sagrados papiros e o intanjivel tabernaculo mira, e a êsse fim se arcaboça em titanica tensão, a só por si dominar o país inteiro, e só com seus adeptos e asseclas constituir aparte tam só (!) fortelecedora dêste?...

O quanto há de loucura, de jactancia e de temeridade em tal orientação e no tenacissimo proposito de a fazerem vingar é evidente e resaltante aos olhos de todos, pois que mirando a constituir uma verdadeira oligarquia, o sistema de governo menos oportuno e mais detestavel em todos os tempos, e mais do que nunca

oje em dia em que o supremo regulador das instituições politicos e seu definitivo determinador outro não pôde ser do que a opinião publica, na sua expressão mais lata, e chega a pasmar-se, de como em pleno seculo vinte possa haver um partido, e partido que á sua parte e entre seus mais preeminentes membros conta inteligencias esclarecidissimas e largamente cultivadas, que ouse conceber fundida em taes moldes uma republica, governo do povo e pelo povo, e em que a maioria dêste o supremo arbitro deve ser dos destinos do país...

E' preciso ter-se audacia, e conjugar com esta uma excessiva confiança no país, para poder por um só momento crêr-se que êste de bom grado, sem protestos veementes, e antes com aplausos de sua maioria, aceitaria semelhante norteamiento nos que se propõem ser dirigentes de seus destinos, e por um verdadeiro milagre, em tempo em que já os não há, e mui especial e determinada para que os aboliram a religião cristã e o proprio Deus expulsaram do seu lugar de supremo arbitro das cousas, se poderia ter o conseguir escalar o poder só para si esse grupo politico com semelhante orientação, e se tal, apesar de inverosimil, por mal do país, acontecesse bem crente estou do que Portugal senão riscado a breve trecho do numero das nações independentes, renegaria a Republica e em qualquer dos casos seria o país mais desgraçado dos entrados á civilização.

Mas não se limita tam só ao que apenas tanjencialmente fica apontado, a desorientação dêsse grupo de verdadeiros amigos de Peniche da Republica, perdoe-se a vulgar expressão pelo quam caracteristica ela é do caso, pois que no seu tresloucado e inexplicavel empenho, a que só levado e influido pelo mais atroz e intratavel egoismo, de alhearem simpatias e adesões para aquela, que é do que ela mais do que de tudo necessita para sua consolidação, prégam a guerra santa, á moda e feitio de Marrocos, guerra a mais crúa e brava, contra todos os que bem ou mal, com razão ou sem ela, são apontados e denunciados como conspiradores e sobretudo contra os que sob denuncia, verdadeira ou falsa, de o serem são capturados e arrastados para os carceres da capital, tam lugubrememente me-

morados nos ominosos tempos de D. Miguel.

Aplaudê elle por seus oradores, e apergoa por sua imprensa, como actos de justiça e até de benemerencia todos os insultos, todas as vaias, todos os maus tratos cuspidos e inflingidos aos assim presos por uma turba inconsciente e iletrada, sempre propensa ao mal e sujeccionada em seus naturaes instinctos para êste, a pôl-o em pratica, por êsses seus desvairadores doutrinadores.

O que sob este ponto de vista se tem presenciado no Porto e em Lisboa, e sobretudo em Lisboa, postergando-se todos os mais salutaes principios da justiça e da caridade, e substituindo-os pelos mais miseraveis e torpes agravos a tal ponto tem chegado, ao desembarcarem êstes presos politicos quer dos comboios quer dos vasos de guerra em que trazidos, e durante seu trajecto e condução para os carceres em que são encerrados, que alguns dos orgãos da imprensa mais acentuadamente democraticos, contando-se entre êles *O Intransigente*, por todos os titulos insuspeito para a Republica, tem devida e justamente reprovado o que sob êsse ponto de vista se tem passado comparando-o com o que de mais ominoso relembram os fastos de Teles Jordão!...

E no afoutamento da pratica e repetição de taes actos, verdadeiramente selvagens, que os orgãos dêsses taes prégam contra os verdadeiros ou inocentes conspiradores, cuja chegada a Lisboa anunciam de vespera, em telegramas que açodadamente previnem do facto, acompanhados de comentarios torpissimos, aguçando a curiosidade e os maus instinctos da demagogia a darem-se largas em suas tresloucadas torpezas, ao seu malevolo e canibalesco empenho de agravarem culpados, que embora o sejam, — *res sacra* — cousa sagrada — devem ser, como o proclamavam os Romanos, mas ainda os inocentes que com êles se contem, pois que vae até censurar a benevolencia com que êsses presos possam ser tratados nas prisões, pedindo que a ela se substitúa o maior rigor e até verdadeiros máus tratos...

E nos que assim o pediam alguns se contam dos que nos tempos da monarchia, mais asperamente censuravam os procedimentos desta para com os presos

politicos, procedimento que sob ponto algum de vista pôde, aliás e em homenagem á verdade, ser posto em paralelo com o que actualmente se preconisa, e avante lhe leva as lampas em desvergonhamento e torpezas.

Que tristissimo espectáculo está Portugal dando ao mundo!... E como poderá a Republica e com ela a nacionalidade saír-se a salvo de taes processos?!...

Novembro, 1911.

*

Escrito há tres mezes o que precedentemente se lê, a orientação dos femendos amigos da Republica, a que aí com tamanha e tam inteira verdade se alude não tem sofrido modificações, e bem ao contrario continuam êles lançando a descredito e fermentando odios não só contra os que apregoam, pela maior parte indevidamente, como adversarios do regimen democratico, mais ainda contra os proprios, e mais dedicados servidores dêste, ciosos de sua valia e influencia e azedados e feridos por êles lhe não aplaudirem o proceder.

Vae assim começando a Republica por onde acabou a monarchia.

Fevereiro de 1911.

Rodrigo Velloso.

Aspectos de Lisboa

A traça

Tendo em meus «Aspectos de Lisboa» memorado por mais que uma vez algumas das pragas que infestam a vida domestica nesta cabeça de Portugal, e taes entre outras as «formigas» e «baratas», qualquer delas muito para se receiarem, e de difficil, se não impossivel, o vêr-se qualquer familia livre, venho oje a registrar nêles, uma outra calamidade não menos para receiar e amaldiçoar, tam prejudicial ela é pelos grandissimos prejuizos que causa. Refiro-me á traça.

Medra em Lisboa o terrível insecto, da ordem dos lepidopteros, com uma pujança e desenvolvimento extraordinarios, e favorecido pelo clima desentranha-se em numerosissima progenie, praga assoladora de estôfos de lã e seda e de livros, e não há meio de fugir a seu incessante e devorador devastar, sendo improficuos todos os meios para isso empregados, apesar de apregoados e proclamados como infalíveis para seu aniquilamento, pelo menos em numero de meia duzia, e taes a canfora, o almiscar, a essencia de terebentina, quaesquer plantas aromaticas, e sobretudo a naftalina, que actualmente é posta na cabeça do rol, como a mézinha mais segura para a sua destruição, bem como os pós de «Keating» e de «pereat» e outros similares.

De todos êsses ingredientes tenho feito uso e lançado mão, sem que resultado sensível dêles haja obtido para a diminuição do prejudicialissimo roedor, sendo certo tambem que para esta um pouco têm ávultado as numerosas ecatombas que de traças tenho feito, espalhando o velocissimo e coleante animalzinho entre as folhas do mesmo livro ou as capas de dous que para isso comprimo, e onde a cada passo o encontro.

E se o dano que a traça causa nos livros é grande, não menor e antes em muito mais avulta o que ela imprime nas roupas de lã de que gulosissima, e onde sempre que póde estabelecer seus arraiaes, em casacos, coletes ou calças que por alguns dias estejam sem uso, quer estendidas quer dependuradas, sem receberem ar nem sol, póde contar-se haverem-se por certo, esburacamentos em mais do que um ponto abertos pelo daninho insecto, sendo que de preferencia se apraz em realizar seus maleficios nos pontos mais aparentes da peça de roupa que escolhe para campo dêles, de modo a tornal-a perdida para sair á rua. Parece assim que um como que instinto de maldade a guia na execução de seus maleficios, e os tantos que diariamente são vitimas, a cada passo têm tido occasião de verificar que o seu roer se exerce principalmente nas partes dos casacos, calças e coletes, e nos sitios dêles que primeiro dão na vista.

E' de crêr, pois factó incontroverso, que o que afirmo com relação a inefica-

cia dos tantos e tam apregoadas mézinhos destruidoras da traça, tenha sido verificado por todos os que lhe têm sentido seus perniciosos efeitos, o que equivale a dizer pela quasi totalidade da povoação presente de Lisboa, mas não obstante isso, nas condições, não haverá muitos pequenos negocios de vendajem em Lisboa, que dêem o resultado que dá para os que o exercem, o das bolinhas de naftalina contra a traça...

Não há drogaria que não ostente á porta da rua, ou em lugar bem saliente barrica ou caixão prenhe das taes bolinhas, e os compradores a estas acodem aos enxames, daudo em tal modo testemunho irrefragavel do que lhes vae por casa com as miriades dos terriveis assoladores da economia domestica em uma das partes mais importantes dela.

Infelizmente, como já atrás o disse, o remedio não surte o resultado preconizado e apetecido, que ou as traças já se afizeram ao cheiro penetrante da naftalina, e dela não fojem, ou se em algo esta as incomoda, dela se afastam emquanto não evaporada, e quando isto se dá de novo voltam aos anteriores arraiaes, proseguindo sempre sem interrupção quer nêstes quer em êles novos, em sua missão assoladora.

E os livros e as roupas, a menos que não haja assiduo e diario e continuado cuidado em vijiar umas e outros, e bem as espanar e escovar, vão-se rendilhando em arabescos e bordados fantasticos, diminuindo em muito do seu valor ou perdendo-o de todo.

E' pois, a traça para quem tem de viver em Lisboa praga não menos terrível e daninha, e estou em dizer, que bem mais o é, do que o das formigas e baratas... E se fossem só estas tres a molestar e torturar o abitante da augusta cidade!...

Rodrigo Velloso.

Cada mulher tem a sua beleza propria; não se devem, pois, comparar ao fim de se estabelecer o predominio de umas sobre as outras. Saibamos render a cada uma o tributo de omenajens que lhe é devido.

Tam irresistivel é o culto ascendente da beleza que quando a pintura religiosa atinjiu o apojeu, a «madona» tornou-se o principal e o divino menino o acessorio.

LITERATURA

Em viagem

Durante dous mezes, o de outubro e novembro, demorou e andou o sr. José d'Alpoim em e por terras de França e de Espanha, residindo pelo melhor dêles em Dax, a celebre estação d'aguas, aonde fôra fazer o seu anual tratamento pelas suas maravilhosas lamas, e divagando no restante por povoações e sitios que lhe ficam proximos, e que por mais de um motivo lhe sujeriram a irresistivel tentação de sua visita, e por algumas das cidades de Espanha, já quando de volta para Portugal.

As impressões colhidas no decurso dêsses dous mezes, e que indelevel sulco rasgaram e vincaram no animo do talentoso e ilustradissimo escritor, trouxe-as êle ás columnas do *Primeiro de Janeiro*, onde publicadas sob a epigrafe de *Em viagem*, e durante algumas semanas foram a leitura preferida e favorita dos inumeros leitores do importantissimo diario portuense, por sem duvida um dos primeiros do nosso país, e indisputavelmente o primeiro de seu norte.

E bem natural foi que assim succedesse, pois que sendo o sr. José d'Alpoim um dos talentos melhor dotados de Portugal, e havendo-o cultivado e iluminado, polindo-o e facetando-o, com acurada e não interrompida solicitude, como se a diamante das melhores aguas e dos mais subidos quilates, na lição de bons livros, em mais que muitos ramos de literatura, a êstes predicados naturaes e derivados de bem orientado trabalho, reúne o de animo avido e consagrador de todos os grandes ideaes e o de coração abundantissimo e aberto a todos os mais nobres e levantados sentimentos. em culto sempre fervoroso de todas as conquistas do bom e sempre generoso e compassivo por todas as desgraças e miserias.

A realçar e completar êste conjunto de primorosas qualidades e excelsas partes que êle assim em si congrega, alia ainda a de manejar a penna, por

modo igual ao por que ilumina palavra, com grandissima facilidade e abundancia, em estiro grandemente impressivo e sobre elegante iriado com as mais sugestivas e atraentes cambiantes, estilo eminentemente pessoal e proprio em que o seu «eu» se retrata inteiro com todas as modalidades que o revestem, e que tam só e bem ao de leve deixo tanjenciadas.

Sobre isto tudo, que muito e muito vale, e que bem salienta o sr. José d'Alpoim no nosso meio, e especialmente no momento actual, que tam adverso vae correndo para as manifestações do espirito e do talento, quer pela ceifa nos ultimos tempos realizada pela implacavel Morte de muitos de nossos mais devotados e consagrados intellectuaes, quer pelo retraimento de outros dêstes, quer ainda porque os tempos tam contrarios e infensos correm para a literatura, na atmosfera ingrattissima, deleteria e obumbrada da politica — e bem má politica! — que nos envolve e tam desastradamente a tudo se sobrepõe; sobre isto tudo, repito, que muito é e muito vale, ainda se conjuga no primoroso escritor uma memoria felicissima, extremamente notavel, que lhe aviva e evoca a cada passo, e a proposito dos assuntos que á sua penna avoca, factos istoricos ou recordações literarias, com que vae engalanando sua flamante prosa e mais e mais cativando o animo do leitor.

Com êste rapido rastrear da maneira de escrever do sr. José d'Alpoim fica, ainda que apenas superficialmente justificada a anciedade com que os leitores do *Primeiro de Janeiro*, apenas recebido êste, procuraram durante os ultimos mezes em suas columnas as suas cartas do *Em viagem*, e o intimo e salutar prazer que sentiam percorrendo-as, prazer continuado na gratissima reminiscencia que delas lhe ficava.

Não me admiro, pois, e antes bem na ordem das cousas acho que como o brilhante escritor o rejista na carta escrita já de sua casa da Rêde, em Mesão-frio, onde por alguns dias se acolheu, no regresso do estrangeiro, carta saída no *Primeiro de Janeiro*, em 3 do corrente, e carta com que êle como que encerra, e com chave de oiro —, ficará ela sendo uma das mais formosas dêsse escriptio — as precedentes do *Em viagem*, quam di-

versas pessoas lhe pedissem que estas reunisse e publicasse em livro.

Se para que isso viesse a succeder eu tivesse voz em capitulo, não seria dos ultimos a formulal-a, pois que ao numero tambem entro dos que muito gozaram e muito se deixaram enlevar com essas captivadoras missivas, tam correntes, tam fluidas, e por vezes tam comovidas e comovedoras, sempre instructivas, sempre enleiantes.

E se o fizesse não seria essa a primeira vez em que emitisse votos bem calorosos para que o sr. José d'Alpoim a publico trouxesse em volume alguns dos opimos fructos do seu opulento e peregrino enjenho e especialmente seus discursos parlamentares e suas conferencias, que fazendo-o, posto de parte o prazer que eu sentiria em reler pajinas tam sujestionantes e aplaudiveis, em não pouco ficariam aumentados os fastos parlamentares e literarios do nosso país.

No expressar-me dêste modo, não vae mais do que a tradução fiel de meu intimo sentir, sem o minimo prurido ou inquinamento de bajulação, que para esta, ainda que eu fôra capaz de a expressar, que não sou, de modo algum o momento apropriado.

Infelizmente o sr. José d'Alpoim, nessa sua carta de Rêde, não se mostra por modo algum disposto a aceder a taes desejos, e sobre outras razões apresenta para que assim succeda a de haver de limar e expurgar de excrescencia, bem apropositadas em cartas ao correr da penna, traduzindo o pensamento e sentir de momento, mas deslocadas em livro, o primitivo texto, e de lhe não ser êsse trabalho compensado com a correspondente remuneração, que editor não há, nem pôde haver, no nosso país a cometer o facto em taes condições, por diminuto ser o publico que se interessa por cousas literarias.

Sendo assim, como necessario se torna dolorosamente reconhecer, não me parece não obstante, ser isso motivo sufficiente para a deliberação tomada pelo distincto escritor, pois que apesar de tudo ainda quero crêr que o livro teria larga extracção não só no nosso país mas sobretudo nos Estados Unidos do Brasil, onde o sr. José d'Alpoim, por mais do que um titulo, já tem a consagração da benemerencia e aplausos publicos, e êle

como que seria uma guarda avançada ou um arauto a apregoar-lhe mais uma vez e testemunhar seus elevados meritos, e a melhor prevenir a opinião para o recebimento a fazer-lhe no caso dado de êle ir, como a imprensa periodica já o noticia, em um dos proximos mezes, realizar algumas conferencias literarias no Brasil e na Argentina.

Oxalá, voto bem sincero é o que assim aqui deixo rejistrado, que, com os preciosos documentos e elementos, para êle tem, se resolva a estampar seus discursos passados, tanto politicos, como literarios, essas conferencias a realizar, e o *Em Viagem*, que ficarão sendo pajinas radiantes da historia politica do nosso país nos tempos em que proferidos e onrosissimos titulos aquêles de nobreza politica para o insigne omem publico, plenamente justificando o papel que desempenharam êle e o partido a que, em tempos da monarchia, presidiu, na arena politica do nosso país e êles e estes testemunhos irrecusaveis e brilhantissimos de seus eminentes predicados literarios.

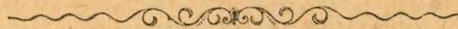
Janeiro, 1912.

*

Num dos seus recentes n.ºs *A Republica*, cujo juizo de todo o ponto insuspeito, tecia os merecidos incomios ás cartas *Em viagem*, ao mesmo tempo que augurava que a missão de propaganda, em favor do nosso país, do sr. Dr. José d'Alpoim, no Brasil e na Argentina, daria de si otimos resultados. E', pois, mais um voto para que o sr. Dr. José d'Alpoim se demova do seu proposito de não publicar o interessantissimo *Em viagem*, e como que tambem para que coleccione as suas futuras conferencias de modo a poder serem estampadas em volume para que todos os que em tamanha conta o têm, gozem o gratissimo prazer de se enlevarem em sua leitura.

Março.

Rodrigo Velloso.



Bibliografia

Relatorio dos serviços da Bibliotheca Nacional de Lisboa, no quarto trimestre de 1910, por Xaxier da Cunha, seu director

E' este o ultimo dos Relatorios trimestraes que o sr. dr. Xavier da Cunha traz a publico na sua qualidade de Director da Bibliotheca Publica de Lisboa.

Em cada um dos que o precederam, desde que o distinto escritor provido nas ponderosas funções dêsse cargo; deu êle conta explicita e em todo o sentido para louvar e aplaudir, não só do movimento da Bibliotheca a seu cargo durante o trimestre a que o Relatorio respeitante, em toda a vasta área, a amplitude de seus serviços, incluído no numero dêstes alem do movimento dos visitantes estrangeiros e nacionaes, e de seus leitores, ainda a aquisição para a Bibliotheca, por dadi-va ou compra, quer de livros quer das outras especies nela arrecadadas, e que em sucessivo aumento a iam opulentando.

Estas noticias, porém, não eram apresentadas nos trabalhos do benemerito Director tam só como meramente estatisticas e inteiramente desacompanhadas e despidas de observações e comentarios, mas bem ao contrario êstes as seguiam sempre elucidativos dos factos que memoravam, e da valia de muitas das obras com que a Bibliotheca enriquecida, de todas as vezes que sua valia isso pedia.

Acrescia ainda á e para importancia desses Relatorios, que nêles era sugerida a ideia de «exposições» a realizar na Bibliotheca, comemorativas quer de centenarios celebres, de pessoas a cujo nascimento ou obito referentes, quer ainda de factos historicos importantissimos que bem as justificavam. E essas exposições assim aventadas e preconizadas eram sucessivamente levadas a efeito pelos diligentes e indefessos esforços do sr. dr. Xavier da

nha, e não poucas foram as assim realisadas e por modo altamente louvavel.

Ainda nêses relatorios, sendo bem poucos os dêles em que tal se não lia, era insistentemente, e com um fervor nunca descoroçoado, apesar de não attendido, e sob variados e multiplices fórmãs, todas insinuantes, demonstrada a necessidade inadiavel de se alargar o edificio da Bibliotheca e de nêle se introduzirem melhoramentos de que instante mister havia para bem poder produzir de si os bons frutos que estão em sua acção, quando esta em pleno exercicio.

Não me atrevo, nem pretendo por fórmula alguma, futurar a falta que o sr. dr. Xavier da Cunha fará á Bibliotheca Nacional, com quanto receie que bem grande seja, pois que ninguem, como êle, lhe poderá querer tão intensa e incondicionalmente, consagrar-lhe tanta solícitude e tam diarios cuidados, que maiores os não teria ela para com filho querido. Oxalá que me engane em minhas tristes previsões!...

Dezembro, 1911.

Rodrigo Velloso.

PICCOLEZZE

Modestas notas sobre linguagem

“Fazer jus”

E' geralmente sabido, ainda dos menos estudiosos da nossa lingua, que a palavra «jus» advinda a ela com a sua fórmula latina, significa e traduz «direito», mas no sentido subjectivo, isto é atribuído á pessoa a quem se refere o «jus», e sob este ponto de vista, que é o verdadeiro, ordinariamente se emprega ela no sentido de alguém «fazer ter jus a alguma cousa».

Em noticia, porém, saída no n.º 572 de oje, do *Diario Popular*, sobre o livro *Na procella*, de Silva Pinto, que acaba de vir a lume, firmado pelo sr.

Alfredo Gallis leio em seguida a queixume por êste levantado no final dessa noticia, contra aquêlê a proposito de caso antigo «isto não obsta a que faça ao seu trabalho e ao seu talento o jus que lhe é devido», e verdade, verdade, de todo o ponto se me afigura fóra de lugar, e de a proposito, e do uso com que consagrado, na fórmula atrás dita, o termo «jus» substituindo a palavra que, parece, deveria ter tido usado «justiça» ou outra equivalente.

Estarei em erro?

Lisboa, 26 de outubro de 1909.

Episodico

Nos «Echos» da *Lucta* de ontem, seção do eisceleto diario que eu mui raras vezes deixo de lêr, pois mui bem escrita, e pela maior parte das vezes atingindo eistremada dicacidade, lia-se em noticia epigrafada *Um embaixador*, que o sr. João Arroio iria substituir o sr. Tomás Rosa na embaixada de Paris, e que êste não oporia grande resistencia em vir para Madrid, e cujo ultimo periodo resava assim:

«A tremenda injustiça do destino. Navarro foi um embaixador episodico, e querendo ser nosso ministro em Hespanha nunca o conseguiu.»

Depreendendo-se bem dêste periodo jogado ao sr. Tomás Rosa comparado com Emygdio Navarro, que aquêlê sem valia, conseguindo tudo quanto deseja, e êste individualidade de elevado e incontestado merecimento, não logrando obter, êle que era embaixador em Paris a legação de Madrid, não descubro bem e como e a que fim af se diz um «embaixador *episodico*», parecendo-me êste adjectivo mal trasido af, pois com quanto êle tambem tenha a significação de «accessorio», «secundario», certo é que esta se relaciona com objecto ou motivo principal de facto notavel, ou da ação de poema ou de narrativa, e para o caso a que chamado o «episodico» bem me parece que se deveria empregar antes o termo «secundario» — «de segunda ordem», que assim até

melhor frisado o motivo dêsse «echo» jogada contra o illustre conde de Sousa Rosa.

12 de agosto de 1910.

Andasteis

Nas *Novidades* de ontem, em «caso do dia», epigrafado *Cinza, cansasso, tristeza* lê-se... «todos vós, todos vós que andasteis na poeira, á chuva, á lama, chora, chora, arrependei-vos de vossos pecados.»

Estando o verbo «andasteis», que, no periodo transcrito se lê, na segunda pessoa do plural do preterito perfeito do indicativo, é bem de vêr que em vez de ser escrito como o foi, devia sel-o *andastes*, sem o *i* inteiramente deslocado e a mais.

E' vulgarissimo um tal erro, e procede êle por certo da cunfusão que facilmente se estabelece para o ouvido dessa segunda pessoa do preterito perfeito do indicativo com a segunda pessoa do preterito imperfeito do conjuntivo ou subjuntivo, que para o verbo «andar» é *andasseis* em que figura o *i*, sendo certo que na linguagem vulgar, quer falada quer escrita, tal erro corrente e sobrepujando a fórmula correctá.

Nêle incorreu até, o que aliás não é para pasmo, o proprio Constancio na «Introdução grammatical» com que precedeu o seu *Diccionario*.

22 de fevereiro de 1912.

Rodrigo Velloso.

Expediente

A *Aurora do Cávado*, publica-se quinzenalmente de 8 a 15 e de 22 a 30 de cada mês, em numeros de 8 paginas.

Dar-se-há noticia de todas as obras que dêrem entrada nesta redacção.